



Thiago Molon, Chão de Jambo, 2023

afirmação

Brésil
l'affirmation d'une génération

Anderson Borba • Vivian Caccuri • Gal Cipreste & Masina Pinheiro
Lu Ferreira • Sabrina Fidalgo • Manoela Medeiros • Matheus Mestiço
Thiago Molon • Matheus Ribs • Gabriela Sacchetto

une exposition conçue par William Massey

9 juin → 30 juillet 2023

galerie du jour **agnès b.**

place Jean Michel Basquiat
Paris 13^e - métro **BNF**



afirmação

Galerie du Jour agnès b.

Abertura
8 de junho
18 - 21hs

A exposição "Afirmação" reúne onze artistas cujas práticas diversas (pintura, escultura, desenho, instalação, fotografia, vídeo) animam os contornos de uma certa identidade brasileira contemporânea.

Ancestralidades complexas, identidades periféricas, sincretismos de crenças, denúncia do imaginário colonialista: esses artistas repolitizam o mundo para reencantá-lo.

O que antes estava dissimulado, oculto ou negado, agora é mostrado, vigorosamente denunciado ou exibido com orgulho. "Afirmação" oferece pistas sobre essa brasilidade que se torna um lugar de memória e confluência de diferenças, assim como um motivo de resistência, libertação e celebração de corpos e ideias.

A maioria dos artistas está sendo exibida pela primeira vez na França, e a maior parte de seus trabalhos foi produzida especialmente para a exposição.

Com Anderson Borba, Vivian Caccuri, Gal Cipreste & Masina Pinheiro, Lu Ferreira, Sabrina Fidalgo, Manoela Medeiros, Matheus Mestiço, Thiago Molon, Matheus Ribs e Gabriela Sacchetto.

Curadoria: William Massey

Afirmação: uma urgência inegociável

ADEMAR BRITTO, autor convidado

A exposição "Afirmação" traz à França um recorte da produção artística brasileira contemporânea atual, sobretudo de artistas emergentes de destaque, graças ao interesse da Galerie du Jour e da Fab. (fonds de dotation agnès b.). Ao longo das últimas décadas, o Brasil tem sido um importante centro de produção artística e tem refletido cada vez mais a pluralidade cultural de um país diverso com influência das culturas indígenas, africanas e da colonização europeia. Dada pluralidade também é compatível com a sua extensão territorial, sendo tão grande quanto a União Europeia o que vem a influenciar na busca de uma identidade brasileira também atravessada por eventos históricos, como a ditadura militar, as lutas pela democracia, as transformações urbanas e a busca por justiça social.

As obras dos artistas brasileiros têm sido frequentemente vistas em grandes exposições e coleções de arte internacionais, porém por muitas vezes, apesar da intenção de dialogar sobre uma ideia de brasilidade mais plural, acabam trazendo um ponto de vista ainda hegemônico, sobretudo branco. Atualmente no Brasil mais da metade da população se auto-identifica como não-branca, fruto de políticas identitárias que vão contra as tentativas de embranquecimento da população brasileira vigentes desde o século XIV. Entender-se negro, indígena, mestiço, reconhecer os privilégios da branquitude e questionar normatividades de gênero e sexualidade é um posicionamento político importante para o fim da perpetuação das opressões da sociedade atual.

Pela primeira vez temos curadores negros à frente da Bienal de Artes de São Paulo fundada em 1951, sendo ela a segunda mais antiga exposição internacional de arte, atrás apenas da Bienal de Artes de Veneza fundada em 1895, que por sua vez teve apenas em 2022 sua primeira mulher como curadora chefe. Tais mudanças, ainda que tardias, têm tentado reparar questões que muitas vezes estão enraizadas nas instituições e que por bastante tempo inviabilizaram a produção artística não-hegemônica.

Um aspecto importante da arte contemporânea brasileira é a sua capacidade de provocar reflexões e discussões sobre questões sociais, políticas, históricas e culturais diversas, e isso está presente nas obras da exposição, sendo utilizadas diversas mídias como vídeo-performance, fotografia, pintura, escultura, objetos de parede, lidando com variadas escalas, técnicas e linguagens.

Na exposição podemos observar alguns agrupamentos temáticos, como questões geopolíticas, por exemplo na obra "Xapiri: Fogo no garimpo!" o artista e cientista político **Matheus Ribs** (Rio de Janeiro, 1994), retrata um indígena yanomami observando um maquinário comumente utilizado para destruir a mata, pegando fogo. Detalhe que a figura localizada no canto inferior esquerdo da imagem porta um feixe de penas vermelhas que evocam aves nativas da região brasileira, como os araras e os guarás, típicas do litoral atlântico da América do Sul, da mesma cor da árvore de pau-brasil, que deu nome a região no processo colonial. No políptico Confluências Ancestrais, o artista traz padrões geométricos de diversos elementos da cultura e espiritualidade indígena e africana, evocando ancestralidade e resistência em suas ritualísticas.

Ainda sobre relações geopolíticas **Manoela Medeiros** (Rio de Janeiro, 1991), realiza a instalação in situ "Hemisfério" de 2016, onde a subtração de matéria da parede da galeria em formato da América do Sul dá substrato a um acúmulo no chão em formato da América do Norte, trazendo uma crítica sobre as relações de poder do Sul e Norte global. Também faz parte da exposição a obra "Seed Fioreworks" de 2023, desdobramento de mais de 10 anos de pesquisa da artista em simular em tela camadas de pintura semelhantes aos processos de escavação nas paredes e que entende a ruína arquitetônica como um processo de retomada da natureza do que um dia justamente serviu de proteção contra as intempéries da natureza. Em processo semelhante, o artista **Lu Ferreira** (Jaboatão dos Guararapes, 1984) também trabalha com subtração de tinta da tela por lavagem usando pincéis e escovas, em um processo que o acaso faz parte, uma vez que não há controle total do resultado. Suas composições têm inspiração em organizações celulares biológicas.

Gabriela Sacchetto (São Paulo, 1988), e **Thiago Molon** (Rio de Janeiro, 1990) dando continuidade a desdobramentos geopolíticos sobre cidade e moradia, têm em comum dialogarem sobre questões arquitetônicas, abrangendo elementos de construções urbanas, evocando um novo imaginário ao rearranjar construções, romper superfícies, alterar escalas por exemplo. **Gal Cipreste** (Rio de Janeiro, 1998) e **Masina Pinheiro** (Rio de Janeiro, 1987) trazem memórias de corpos dissidentes, como em "Sculpture of apparatus made by a child", da série GH, Gal e Hiroshima de 2019 onde remonta ao apedrejamento sofrido próximo a sua casa por um dos artistas num subúrbio carioca, e que na tentativa anacrônica de autodefesa recobre as pedras encontradas na rua com espuma. Tal ação é um acordo de resistência frente aos constantes ataques às populações LGBTQIA +.

Já **Vivian Caccuri** (São Paulo, 1986) se interessa nas reverberações do som a partir de um contexto social e político. Com ateliê em um prédio na região portuária que já abrigou uma fábrica, e partindo de tecnologias analógicas e digitais, ela propõe instalações, desenhos, objetos, vídeos, performances e trilhas sonoras que desafiam a normatividade, o senso comum e levam em consideração a sensação vivida pelo "outro", principalmente na vida cotidiana das cidades. Na exposição apresenta uma obra intitulada "Lava Transparente" de 2023, que se inspira da representação gráfica das ondas sonoras para compor arranjos visuais cadenciados, feitos em cordão de algodão de aspecto irregular remetendo à ruídos e que pairam em um fundo de trama transparente, permeados por pedaços de ardósia.

Na fronteira do formal/informal, abstrato/figurativo, objetivo/subjetivo **Matheus Mestiço** (Bocaiúva, 1987) apresenta diversas obras como a escultura "Para Saber Do Vento", de 2020 e a pintura-inventário "Flechas, Sereia, Estrela, Pinha, Peixes, Chifre, Cornucópia e Outros Mistérios de Axé!" de 2022, predominantemente em tons de azul, evoca novas leituras de mundo e reafirma suas referências que dialogam com sua ancestralidade afro-indígena.

Anderson Borba (Santos, 1972) vive entre São Paulo e Londres e trabalha com técnicas manuais tradicionais e experimentais de manipulação de madeira. Seu uso de imagens apropriadas de revistas e coladas em madeira, se transformam em uma nova constelação, com informações truncadas e recodificadas em abstrações. O tratamento dado à madeira com óleo, cera e verniz enriquece seus veios, acidentes e entalhes gravados e sua escala por vezes com altura próxima à humana.

"Black Joy" vídeo-performance inédita de **Sabrina Fidalgo** (Rio de Janeiro, 1979) que dialoga com o conceito de felicidade, mesmo em situações de adversidade. Com tom autobiográfico confessional, a artista confronta o público de frente, com expressões faciais fortes, com trilha sonora que remete aos pensamentos que passam por sua cabeça, iniciando com poesia de sua avó paterna Aldenora Fidalgo (São João do Sóter, 1926), passando por comentários da própria artista sobre Monteiro Lobato escritor célebre por sua literatura infantil e grande entusiasta da eugenia, falas da dermatologista especialista em pele negra Dra Katleen Conceição, até declarações da atriz brasileira Susana Vieira comentando sobre privilégios da branquitude. Tal vídeo é uma forma bastante corajosa de autoafirmação de Sabrina como mulher preta de pele escura que se impõe como artista, produtora e realizadora em um cenário dominado majoritariamente por pessoas diferentes dela.

A exposição mostra a qualidade e relevância da arte contemporânea brasileira, sua influência na construção de identidades culturais, diálogo com a história da arte ocidental e reflete as mudanças inclusivas onde ter protagonismo de narrativas é uma urgência inegociável dessa geração.

VISITA ATELIÊ x LA FAB.



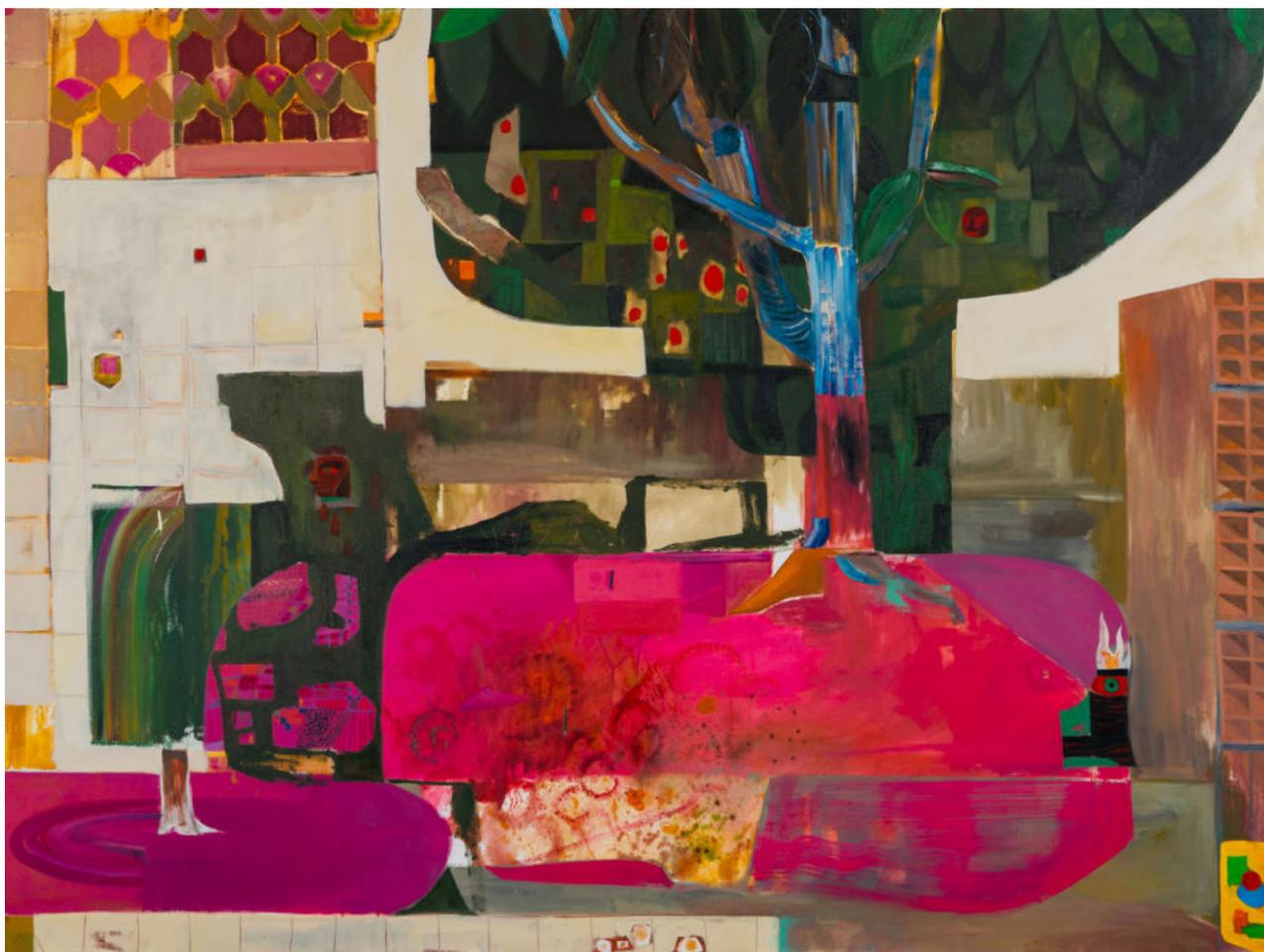
Em colaboração com o Visita Ateliê, conheça os artistas da exposição que falam sobre seus trabalhos!

Visite o canal da Fab no YouTube ou use o código abaixo!



VISUAIS PARA A IMPRENSA

copyright (c) Os artistas - Galerie du Jour agnès b.



THIAGO MOLON

Chão de Jambo, 2023

Óleo sobre tela

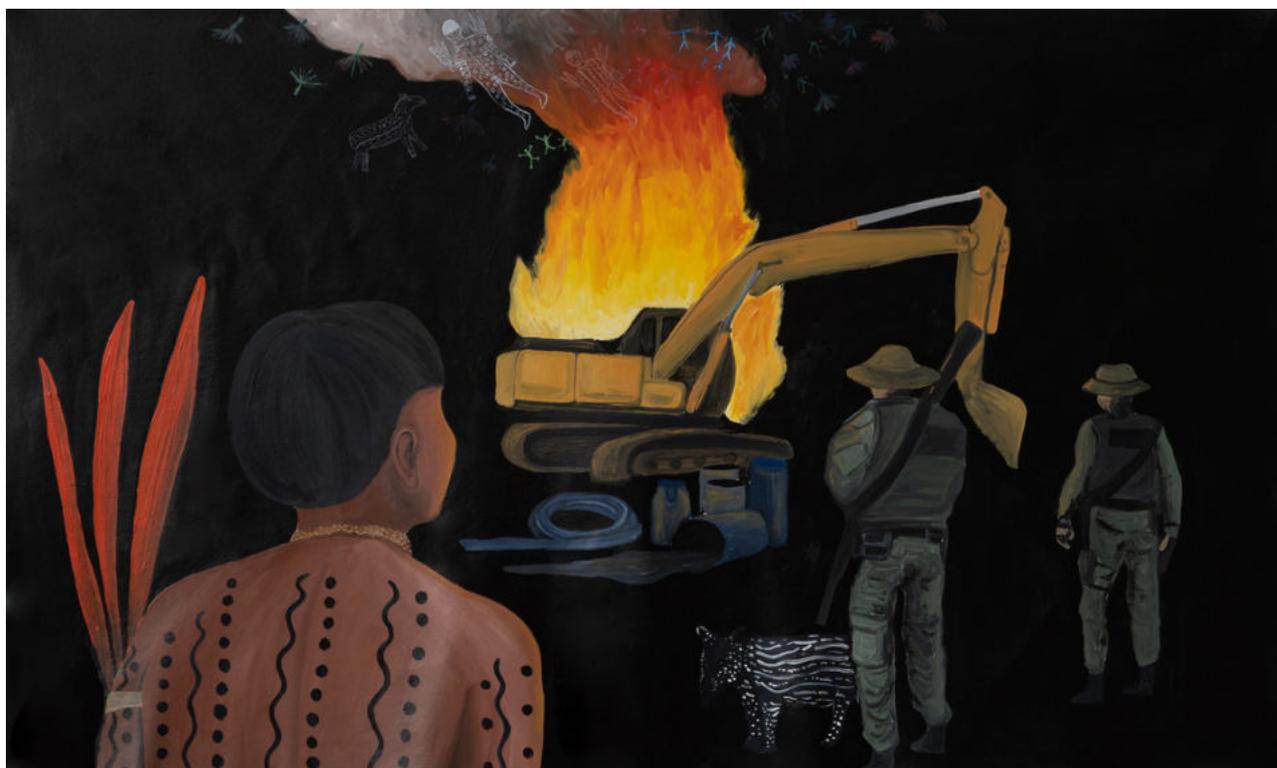
200 x 150 cm



MATHEUS MESTIÇO

Flechas, sereias, cornucópia,
peixes, pinhas, chifre
e outros mistérios de axé!, 2022

Acrílica, esferográfica, lápis de cor
e pó de pomba sobre tela
102 x 67 cm



MATHEUS RIBS

Xapiri: Fogo no garimpo!, 2023

Óleo e acrílico sobre tela

160 x 100 cm



SABRINA FIDALGO

Black Joy, 2023

Vídeo, 7mn10

Edição de 3 + 2 PA



GABRIELA SACCHETTO
Vista da exposição, 2014-2023

Óleo sobre madeira

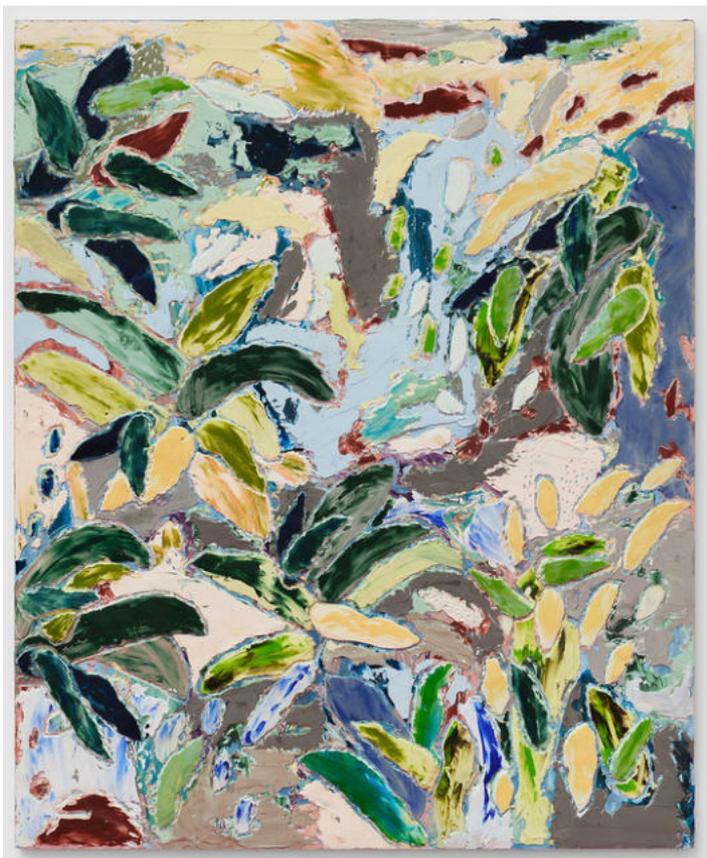
Cortesia ArteFASAM Galeria



ANDERSON BORBA
Intriga, 2023

Madeira, papel, óleo de linhaça,
verniz, tinta, tinta a óleo
22 x 29 x 7 cm

Cortesia Fortes D'Aloia & Gabriel



MANOELA MEDEIROS

Seed Fireworks, 2023

Pigmento mineral e escavação sobre
tela e fragmentos

130 x 160 cm

Cortesia Double V Gallery

Photo: Jean-Christophe Lett

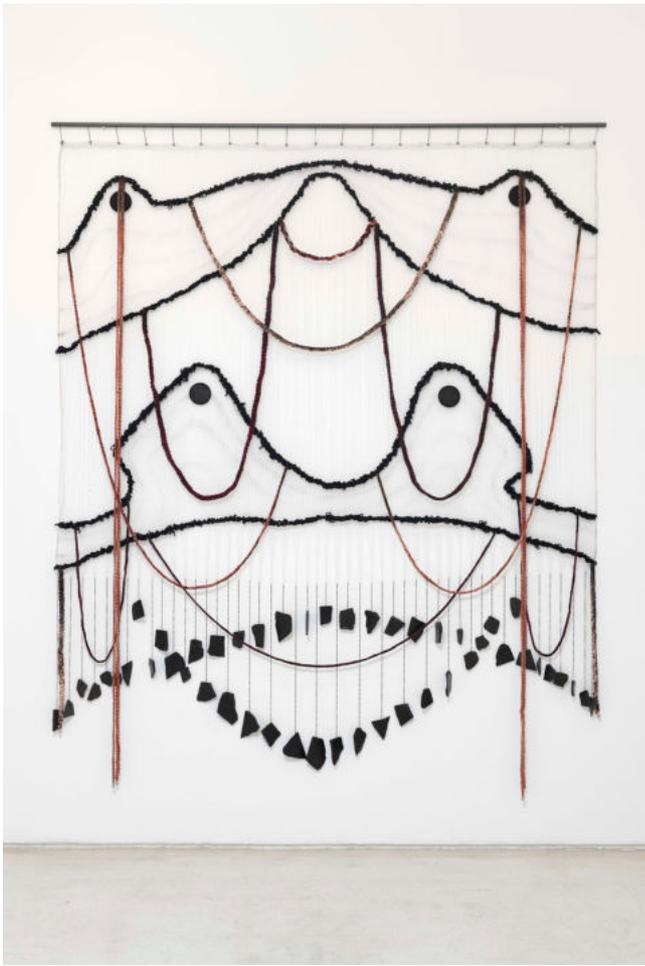


LU FERREIRA

Célula ovários, 2023

Acrílica, lápis de cor profissional fixo,
oleo sobre lona naval

95 x 69 cm



VIVIAN CACCURI

Lava transparente, 2023

Barra de ferro, tela de proteção,
linha encerada, tecido, cordão de
algodão, resina acrílica, miçanga e
pedra

237 x 190 x 3 cm

Cortesia Vivian Caccuri e Galeria Millan



GAL CIPRESTE & MASINA PINHEIRO

Sculpture of apparatus made by a
child, 2019

Impressão fotográfica

Edição de 5 + 2 PA

80 x 80 cm

Cortesia Galerie Salon H Paris

AFIRMAÇÃO

WILLIAM MASSEY, curador da exposição

Afirmar-se, apresentar-se com clareza e vigor, ir além de suas próprias fronteiras: uma geração inteira de artistas brasileiros está vibrando para repolitizar o mundo e reencantá-lo.

Logo de entrada, a imagem é desestabilizante: **Manoela Medeiros** retraça os mapas geográficos e mentais invertendo os hemisférios. A artista explora, escava e eviscera as paredes, suportes de experimentação que lhe permitem construir ruínas. A arqueologia é considerada tanto um método de trabalho quanto um gesto político, com a função principal de informar sobre as condições de existência no presente.

Enquanto Manoela Medeiros escava, **Anderson Borba** esculpe e agrupa. Este último estabelece uma relação íntima com a madeira, desde sua coleta até sua forma final. Em sua superfície, ele queima, pinta, prensa e manipula vários elementos, inclusive fragmentos de revistas antigas. As imagens que ele recorta e cola na superfície de suas esculturas vêm da cultura queer e do campo etnográfico, da mídia tradicional e de seus arquivos pessoais. Em uma abstração antropomórfica, suas obras absorvem o papel como uma espécie de pele e evocam uma cicatrização dolorosa.

Bordar para contar uma história que dá coceira e às vezes irrita a ponto de sangrar, para refazer o fio temporal de uma colonização frequentemente romantizada: esse é o gesto que **Vivian Caccuri** emprega em suas obras que têm o ar de um talismã. Usando uma técnica que ela aperfeiçoou pacientemente, a artista se apropria da tela de mosquitoireiro, um baluarte contra o inimigo número um da raça humana. "Não consigo dissociar o mosquitoireiro de um sentimento singular, uma espécie de melancolia tropical. Por mais trivial que seja, sua função puramente sanitária é um lembrete impiedoso da precariedade da existência humana nessas latitudes." Resultado da pesquisa sonora do artista, *Lava Transparente, 2023* explora novas frequências visuais, recorre à abstração geométrica de figuras e impregna as formas com fluidez e ritmo.

Melancolia tropical versus reencantamento decolonial. Para **Matheus Ribs**, a pintura é mágica, e há claramente um ativismo mágico no gesto de alguém que consegue ao mesmo tempo denunciar e reencantar. Seu pincel dispara à queima-roupa contra as injustiças fundiárias e as violações dos direitos humanos infligidas às minorias indígenas. Uma resposta direta aos eventos atuais, *Xapiri: Fogo no garimpo!*, 2023 retrata uma operação militar contra a mineração ilegal, de acordo com a recente mudança de governo. Os espíritos Yanomami comemoram esse momento histórico de proteção da floresta e sobrevoam o maquinário destrutivo em chamas. Matheus Ribs exige acesso às suas origens, quer compensação. "Hoje eu sei por que pinto esses corpos. Por muito tempo pareceu muito distante, mas eu sou esse menino negro, eu sou esse menino indígena, dentro desse corpo que é mestiço. O colonialismo transformou corpos em mercadorias e impôs um modo de vida único em que a mercadoria é a base da existência humana." Para revelar a simbiose entre a humanidade e o mundo ao seu redor, em *Confluências ancestrais*, 2023, ele estabelece uma relação gráfica entre vários animais africanos e sul-americanos de pele pintada e as pinturas corporais dos povos indígenas.

As ancestralidades também se cruzam na obra de **Matheus Mestiço**. Em algum lugar entre o azul do céu e o azul do oceano, ele é um transeunte, um desses seres de luz que, com a força do olhar, mudam o mundo. Para ele, o movimento está no início de tudo e seu trabalho tem como ponto de partida a contemplação da magia do tempo. Por meio de uma codificação intuitiva, ele cria uma narrativa pictórica baseada em formas, elementos e momentos ligados ao encantamento. Por meio da escolha de sua assinatura artística, ele também afirma o lugar da mestiçagem como uma identidade étnico-racial brasileira ainda a ser questionada.

Black Joy, 2023 de **Sabrina Fidalgo**, diretora e artista visual, é um soco na cara. Qual um sample de baile funk carioca, ela está num loop: a desconstrução do racismo estrutural e a descolonização do sistema estão no centro da pesquisa dessa personalidade que não tem tempo para ter medo. "De certa forma, meu trabalho busca reeducar as pessoas para que se conscientizem. Se não entendermos nosso passado, continuaremos a repetir nossa história, que é um projeto colonial de destruição. Faço filmes para a maioria das pessoas em meu país: negros e mestiços."

É impossível falar de **Gal Cipreste e Masina Pinheiro** sem mencionar o processo de reapropriação de memórias dolorosas da infância delas. Como uma necessidade urgente, elas reconstroem uma narrativa não linear da violência sexista que sofreram, como muitas pequenas e grandes lacunas para as quais reconhecem terem sido empurradas.

Assim, essas artistas, como “corpos-inesperados”, se afirmam hoje por meio de gestos de retaliação e proteção. Como esta fotografia de sua série intitulada “GH”, que entrelaça suas autobiografias: a experiência de ser apedrejada quando criança por motivos relacionados ao gênero e a de um corpo em transição dentro de uma família religiosa.

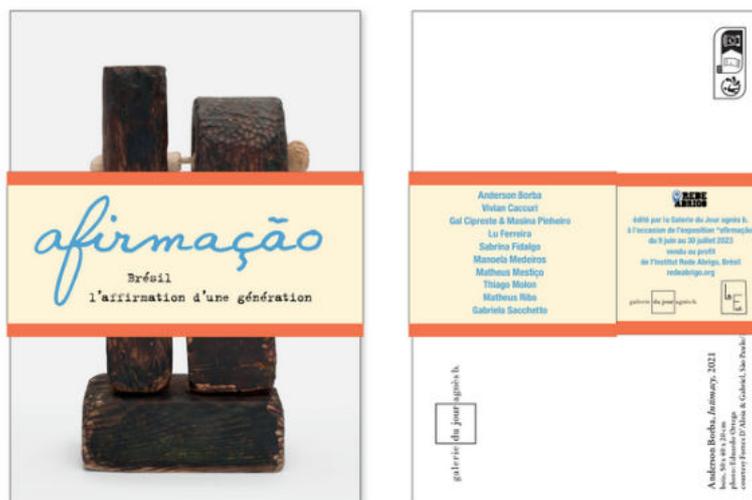
Intraduzível para outras idiomas, a saudade brasileira ganha forma no trabalho de **Thiago Molon**. Baseando-se nas origens de seus pais, que migraram para o Rio em busca de melhores condições de vida, o artista retrata o cotidiano da classe trabalhadora brasileira. Ele enfatiza a riqueza das experiências de rua e a beleza da simplicidade, sem deixar de destacar as dificuldades e o sofrimento das populações periféricas. Explorando diferentes formatos, por exemplo telas evocando casas, seu universo nasce da montagem desses fragmentos que, justapostos, tocam um certo inconsciente coletivo brasileiro.

A afirmação também é formal no trabalho de **Gabriela Sacchetto**, que propõe uma mudança de escala. “É como se, ao tornar esses objetos pequenos, eles se tornassem mais visíveis, pois sua observação exige uma proximidade corporal que não permite a indiferença ou o automatismo.” Uma afirmação delicada de um ponto de vista singular, mas acessível a todos que passam pela cidade de São Paulo e a reconhecem, concentrada em um pequeno pedaço de madeira que foi jogado na cidade mais populosa da América do Sul.

Por fim, apresentar-se ao mundo como artista é, por si só, um ato de afirmação para **Lu Ferreira**. Ele, que por muito tempo escondeu sua prática artística, seus instrumentos e seus processos não convencionais, entrou na pintura como quem entra na resistência. Obcecado com a passagem do tempo e de seus efeitos sobre o corpo, ele desenvolve um trabalho sobre a degeneração das células. As telas são pintadas com cores vivas e depois lavadas dezenas de vezes, até se transformarem em tecido similar a pele.

Em suas múltiplas manifestações, os trabalhos desses onze artistas afirmam vigorosamente o desejo de reconfigurar as ordens estabelecidas. Por sua vez, a ordem mundial, a ordem moral e as hierarquias artísticas são rompidas. O que era mantido em silêncio, oculto ou negado é revelado, denunciado com vigor ou exibido com orgulho. “Afirmação” oferece pistas sobre essa brasilidade que se torna um lugar de memória e confluência de diferenças, assim como um motivo de resistência, libertação e celebração de corpos e ideias.

PRODUTO SOLIDÁRIO



Para marcar a exposição, o **fonds de dotation agnès b.** está publicando um conjunto de **10 cartões postais**.

O pacote está sendo vendido por **10 euros** para ajudar o **Instituto Rede Abrigo** (Brasil), que trabalha com crianças e adolescentes em situação de risco.

O Instituto Rede Abrigo é uma organização social sem fins lucrativos fundada em 2016 no Rio de Janeiro, Brasil. O Instituto é um **observador independente** das instituições responsáveis por acolher crianças em situação de risco em todas as suas etapas, o que lhe permite identificar as dificuldades. O Instituto **se tornou uma referência** para o sistema de acolhimento de crianças no Brasil, construindo soluções eficazes para atender às necessidades das crianças e adolescentes acolhidos, mobilizando pessoas físicas, empresas e poder público. Convencida de que **ninguém cresce sozinho**, a Rede Abrigo trabalha para garantir os direitos e interesses de crianças e adolescentes acolhidos por meio de diversos projetos, ações em campo e campanhas de conscientização.

Em seus 7 anos de existência, o Instituto já ajudou **126 lares de crianças em 40 cidades** dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Distribuiu mais de 8 toneladas de doações para os abrigos (remédios, alimentos, material escolar, etc.) e quase 10 mil ingressos para atividades culturais e de lazer (cinema, teatro, parques temáticos) a crianças e adolescentes que não teriam acesso a elas.

www.redeabrigo.org

[@redeabrigo](https://www.instagram.com/redeabrigo)

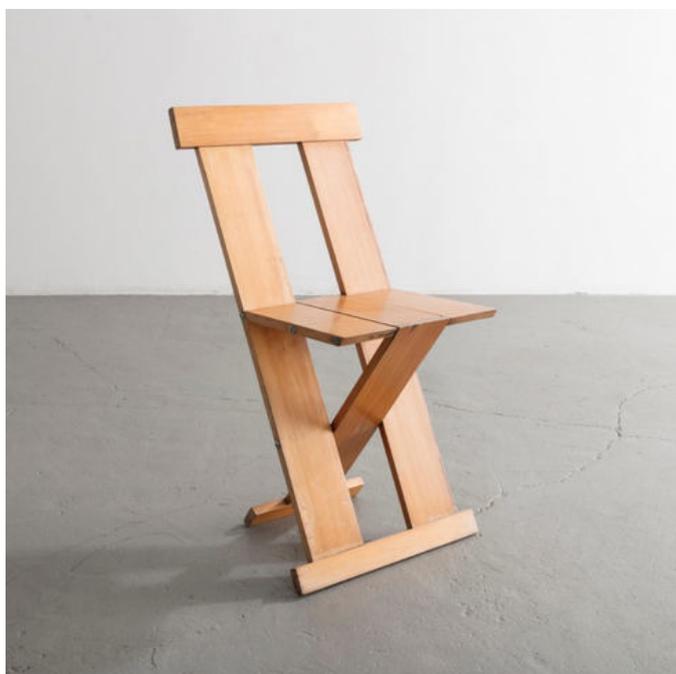
fonds de dotation

agnès b.



DESIGN

Em colaboração com a **Galerie Brazil Modernist**, uma seleção de móveis de designers brasileiros está em exposição na Galerie du Jour: a icônica cadeira dobrável Frei Egídio, projetada por **Lina Bo Bardi** para o teatro Gregório de Mattos em Salvador, um banco e uma mesa de centro de **Geraldo de Barros**, uma poltrona "Concha" de **Martin Eisler & Carlo Hauner** e uma escrivaninha do estúdio **Nova Era**.



Lina Bo Bardi, "Frei Egídio",

Fundada em 2021 por Carolyn Pereira e Vladimir Igrosanac, a galeria Brazil Modernist apresenta obras de arte e design de alguns das principais figuras do movimento modernista brasileiro, incluindo Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues, José Zanine Caldas, Giuseppe Scapinelli, Carlo Hauner & Martin Eisler e Lina Bo Bardi, bem como tapeçarias de Genaro de Carvalho. A Brazil Modernist também representa vários designers brasileiros contemporâneos, bem como criações contemporâneas de povos indígenas da Amazônia e de outras regiões do Brasil.

BRAZIL MODERNIST

110 Rue des Rosiers, 93400 Saint-Ouen
Marché Paul Bert-Serpette, allée 2, n.137.

brazilmodernist.com

contactebrazilmodernist.com

+33 (0) 6 60 15 68 02

QUEM SOMOS

agnès b.

O **fonds de dotation agnès b.** foi criado em 2009 para estruturar todas as iniciativas de patrocínio, parceria e filantropia realizados pela marca e pela própria Agnès por quase 40 anos. Ele perpetua uma vida inteira de compromissos, uma palavra que engloba e descreve mais do que uma organização, mas um estado de espírito: **compartilhar.**

Desde fevereiro de 2020, o **fonds de dotation agnès b.** mudou-se para a Place Jean-Michel Basquiat, no 13º arrondissement de Paris, onde abriu seu novo local: **La Fab.** Esse novo espaço de 1.400 m² garantirá a continuidade das atividades do fundo em apoio à arte e à criatividade, à solidariedade e ao meio ambiente. La Fab. abriga dois espaços de exposição e uma livraria, projetados por agnès b. em colaboração com o arquiteto Augustin Rosenstiehl.

A primeira parte, em dois níveis, é dedicada à **coleção de arte contemporânea** de agnès b. Propomos duas exposições temáticas por ano, que chamaremos de temporadas. Desde sua inauguração, cinco grandes temporadas foram oferecidas ao público: temporada 1 La Hardiesse, temporada 2 Regards hors-champ et paysages, temporada 3 Graffiti 1985 - 2021, temporada 4 L'enfance dans la collection agnès b. & temporada 5 Poésie ?

Após sua criação em 1984 na rue du Jour e vinte anos de atividade na rue Quincampoix, a **Galerie du Jour** agora se mudou para o primeiro andar do La Fab. Cinco exposições por ano são realizadas em um espaço modular de cerca de 200 m², com entrada gratuita para os visitantes. A Galeria continua seu trabalho de descobrir e apoiar artistas franceses e internacionais.

A **Librairie du Jour**, chamada Librairie Christian Bourgois quando foi criada, está localizada na entrada do espaço. Ela oferece uma gama exclusiva de publicações da editora Galerie du Jour, bem como uma seleção de editoras independentes. Um programa de sessões de autógrafos, conferências e reuniões também é oferecido.

Convencida de que o futuro de nossas sociedades depende da generosidade e da ajuda mútua, a agnès b. apoia várias organizações sociais e humanitárias, bem como projetos interdependentes que combinam as três áreas de **arte, solidariedade e meio ambiente.** Para isso, o **fonds de dotation agnès b.** trabalha em colaboração com uma rede diversificada e variada de participantes: coletivos, associações, artistas, ONGs e instituições públicas.

A cada ano, pouco mais de 40 associações e ONGs recebem apoio e atuam no campo para ajudar os mais vulneráveis. O **fonds de dotation agnès b.** também está comprometido com a causa ambiental por meio de seu apoio à Fundação Tara Océan, que está fazendo uma contribuição notável para o conhecimento e a preservação dos oceanos.

CONTATO

William Massey

+33 (0)6 75 53 30 41

william.massey@agnesb.fr

la-fab.com

